



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA

Thiago Silva de Souza¹
Gustavo da Silva Freitas²
Luiz Carlos Rigo³

RESUMO

Este texto constitui um relato de experiência em que visou problematizar uma intervenção pedagógica na disciplina de Estágio Supervisionado II, do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Para tanto, a Escola Municipal de Educação Infantil EMEI Vovó Zoquinha, situada no Balneário Cassino – RS foi o local escolhido. Objetivei nessa escrita priorizar os acontecimentos que me fizeram exaltar a heterogeneidade da infância expressa em uma aula de surf com as crianças da EMEI. Por fim, resta uma imagem do encontro com o outro, um outro que suspende sua certeza e se abre ao devir docente.

Palavras-Chaves: Infância; Surf; Estágio Supervisionado.

ABSTRACT

This text is based in an experience that discusses the methodological structure of the discipline of Supervised Internship II's Degree in Physical Education at the Federal University of Rio Grande (FURG). For this, the Municipal School of Early Childhood Education EMEI Vovo Zoquinha, located at the Cassino beach - RS was the chosen location. My goal in this writing was to prioritize the events that made me praise the heterogeneity of childhood expressed in a surf lesson with the children of EMEI. Finally, there is a picture of the encounter with the other, another suspending his certainty and opens to becoming teachers.

Key Words: Childhood; Surf, Supervised Internship.

Início a escrita deste relato de experiência socializando minha temerosidade em relação à intervenção que me era proposta no sexto semestre do curso de licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Meu temor surgiu frente à expectativa em conciliar algumas leituras à prática pedagógica no estágio curricular na Educação Infantil.

Esta tarefa foi direcionada na disciplina de Estágio Supervisionado II, o qual visando atender a Resolução 1 e 2/2002 do Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Deliberação nº 012/91 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (COEPE/FURG), propôs vivências

¹ Graduando do curso de licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduando do curso de Bacharelado em Educação Física na Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-ESEF-UFPEL). E-mail: tesurfing@hotmail.com.

² Doutorando Educação em Ciências na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor do curso de Educação Física da FURG. E-mail: gsf78_ef@hotmail.com.

³ Doutor em Educação na UNICAMP. Professor na Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: lcrito@terra.com.br.



supervisionadas da minha prática profissional. O estágio me proporcionou reflexões e leituras que culminaram em dez intervenções supervisionadas (uma hora aula), dentre as quais destacarei neste texto, uma das intervenções que de forma geral atendeu alguns princípios norteadores do planejamento de ensino.

Sendo assim, saliento que foi na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Vovó Zoquinha que realizei minhas aulas. A EMEI Vovó Zoquinha situa-se no Balneário do Cassino⁴, sendo gerida por financiamento da prefeitura de Rio Grande, atendendo crianças de três a cinco anos divididas em nível I (crianças de três anos), nível II (crianças de quatro anos) e nível III (crianças de cinco anos).

Neste contexto, explico que as ações foram realizadas com turmas de dois níveis distintos, isto é, nível II e nível III. Para elaborar e desempenhar as atividades propostas usei como subsídio o Regimento da EMEI Vovó Zoquinha que propõe “[...] a integração de diversas áreas do conhecimento, através de atividades lúdicas e prazerosas, estimulando nesta fase do ensino, o desenvolvimento das diferentes formas de linguagem e da criatividade infantil, bem como valorizando a importância dos profissionais que atuam diretamente com as crianças” (s/p).

Para concretizar a intenção primeira de intercambiar experiência, narrarei nas seguintes linhas alguns acontecimentos, fundamentando-me em Benjamin (1994c, p.201), quando afirma que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas na experiência de seus ouvintes”.

Para tanto, utilizei como subsídio o diário de campo e fontes imagéticas extraídas de uma brincadeira⁵ específica que compartilhei com os alunos durante o estágio. Com isso, imergi em um mar de significação em que a brincadeira não foi vista “a partir unicamente do espírito infantil” (BENJAMIN, 1994a, 247), visto que ao contrário disso estaria dissociando a criança do seu contexto social. Corroborando para proposta acima, Benjamin explicita que “o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo” (1994a, p. 248).

⁴ A grande atração do Balneário Cassino é sem dúvida a praia oceânica com 254 km de areia branca e fina que forma a maior praia contínua da América do Sul, também conhecida como a maior praia do mundo (Guinness Book).

⁵ Utilizarei o termo brincadeira com o propósito de descrever a ação da criança ao brincar de ser surfista, bem como será mostrado no decorrer do trabalho.



Em linhas gerais, outro ponto interessante levantado por Benjamin (1994b, p. 250) refere-se ao confronto entre a criança e o adulto através do brinquedo. Neste caso foi ressignificado o termo adulto pela condição inerente a esta proposta de ensino, ou seja, ser supervisionado em um estágio na condição de professor. Neste sentido, Benjamin (1994b) comenta que o:

Mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o mesmo ocorre com suas brincadeiras. É impossível situá-las num mundo de fantasias, na terra feérica da infância pura ou da arte pura. Mesmo quando não imita os utensílios dos adultos, o brinquedo é uma confrontação – não tanto da criança com o adulto, como deste com a criança. (p.250)

O “confronto” pretendido foi efetivado no dia 20 de outubro de 2009, quando realizei a primeira intervenção, na qual tinha o objetivo de trabalhar com o surf, visto a experiência que tenho com esse esporte. Ou seja, a partir de discursos que me interpelavam como surfista pude fazer escolhas e traçar caminhos, como por exemplo, estar cursando Educação Física. Aliado a isso, Lins (2009, s/p) exalta que o “surfista é onda com a onda, e não onda sobre a onda; ele não existe apenas para aquilo que o tornará vencedor, mas se realiza afirmando o acaso; temos aqui certamente uma bela definição do ser, sempre em devir”.

Assim, exponho a seguir um registro extraído do meu diário de campo:

Depois disso, perguntei a eles o que se faz nas ondas além de pulá-las, já que uma menina havia relatado durante a dinâmica que ela pulava as ondas de mão dada com seu pai e iam “até o fundão”. Logo, falaram nos surfistas. Neste contexto, fui até a “bolsa grande”, a bolsa grande era uma capa de prancha, na qual coloquei as miniaturas de pranchas, confeccionadas em papelão, o intuito era ficar mais original e estimular a caracterização de objetos do surf, no entanto, a capa na fala de um menino foi resumida a “nossa que bolsa grande essa sua! O que você tem nela?” (DIÁRIO DE CAMPO, 20/10/09).

A primeira atividade que propus aos alunos era que colorissem as pranchas de papelão, utilizando, para tanto, folhas de revistas que eu havia levado. Nesse contexto, percebi o cuidado nos detalhes, por parte de alguns alunos/as, para que toda prancha (papelão) ficasse coberta, por outro lado, teve alunos/as que na ânsia de por suas pranchas em ação tiveram menos preocupação com a superfície dos seus materiais.

Diante esse cenário é fácil uma alusão aos meus amigos surfistas, isto é, a preocupação de alguns no cuidado com as pranchas e, outros, mais relapsos em vista aos trincados e talhos na fibra. Nesse contexto, lembro do meu primeiro prejuízo com uma prancha, que nem me



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

*UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA*

pertencia, e o seu proprietário não havia ido comigo e outros amigos para o Cassino, assim, peguei sua prancha, visto que eu ainda não possuía material próprio. Já no mar, após subir na prancha em uma marola travei as quilhas na areia resultando em um trincado.

O prejuízo não foi mais triste se não tivesse me despertado o desafio de ficar em pé em cima de uma prancha. Depois daquele momento não pensava em outra coisa se não adquirir o meu material, certo de que outros acidentes daquele tipo poderiam ocorrer. Assim, a aquisição de uma prancha já estava planejada, isto é, 18 de janeiro de 2002, data em que faria 17 anos, no entanto, no dia 10 de setembro de 2001, juntamente com meus dois irmãos, recebi do meu pai a notícia que ele havia sido demitido do seu emprego.

Nesse contexto, minha principal angústia era de adquirir independência financeira, no entanto, atrelada à demissão do meu pai estava à privatização da empresa que ele trabalhava e a necessidade de reduzir o número de funcionários. Corroborando a isso, havia um discurso por parte dos meus pais que para arrumar emprego deveríamos (eu e meus irmãos) estar qualificados e, portanto, num primeiro momento tínhamos é que estudar. Novamente me pus a fazer planos, nos quais me esforcei para aliar os desafios que havia construído em relação ao surf ao de exercitar meu pensamento na escolha de uma profissão conjunta aos meus gostos.

Cabe ressaltar, que a minha relação com o surf não terminou naquele período devido ao apoio de meus amigos, os quais ao adquirirem materiais novos disponibilizavam os antigos. Lembro de surfar com dois tocos cedidos pelo Pingo a nossa galera, surfei também com a Silver bullet do Dudu e do Edinho e uma Mormaii do Diego, esta última por ter maior tamanho embalou meu entusiasmo pela prática desse esporte, especificamente, no verão de 2002.

As fotos abaixo evidenciam uma proposta coesa ao que me dispus a começar a pensar em 2002, no entanto, leituras referentes ao mundo da imaginação das crianças, me auxiliaram a superar imprevistos em vista a falta de pranchas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA*



**Ilustração 1: Colorindo sonhos
Aula: 20/10/09 (1º encontro)**



**Ilustração 1 – Descobertas, construindo pranchas.
Aula: 20/10/09 (1º encontro)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA**



**Ilustração 3 – Mãos que criam e transformam
Aula 20/10/09 (1º encontro)**



**Ilustração 4 – O prazer do saber-fazer... Ser criança...
Aula: 20/10/09 (1º encontro)**

Foi nesse cenário que me exercitei como aluno-professor⁶. Disso, ficaram algumas marcas, dentre as quais explico a apreensão a respeito dos planos de aula, os quais fazem parte

⁶ Uso o termo aluno-professor a fim de referendar o pensamento de Tatiana Teixeira Silveira (2005, p. 13) a qual estabelece um diálogo com Marc Augé e afirma que “na falta de um conceito mais apropriado e desenvolvido para falar dessa situação de aluno professor, desse estado e processo de desterritorialização (Deleuze), recorro ao termo não-lugar, para designar um espaço subjetivo onde ocorre constantes rupturas e rasgos na superfície disforme da identidade do professor. Para Marc Augé, “...um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar “ (p.73). A idéia defendida pelo autor é relativa a produção de não-lugares na supermodernidade, assim como traz questões dos ‘espaços públicos de rápida circulação’... “A



do processo avaliativo do Estágio Supervisionado em vista a sua perspectiva disciplinar e seus atributos metodológicos em meio à “um desconhecimento de muitas coisas” (SILVEIRA, 2005, p. 13). Ou seja, minha apreensão estava ligada ao caráter reprodutor que poderiam construir esses planos, visto as intervenções que havia pensado, pormenorizando uma proposta calcada na “abertura da possibilidade de trilhar um caminho novo” (SILVEIRA, 2005, p.13). Com a finalidade de elucidar esta preocupação, dialogo com Larrosa (2006), quando esse autor afirma que:

Desse ponto de vista, a eficácia das ações educativas está determinada pelo seu poder de fazer passar do possível ao real. E a reflexão pedagógica se faz em termos de meios, fins e de processo. A educação é, em suma, a obra de um pensamento calculador e de uma ação técnica, em que se trata de conseguir um produto real mediante a intervenção calculada num processo concebido como um campo de possibilidade. Uma prática técnica, definitivamente, em que o resultado deve se produzir segundo o que foi previsto antes de iniciar (p. 193).

Para desvincular minha intervenção de uma mera ação técnica, destaco o término da proposta observada nas imagens coladas anteriormente, uma vez que coloridas às pranchas, desafiei o mundo da imaginação das crianças através da imposição⁷ de surfar com aquele material produzido.

Diante esse cenário, surgiu a seguinte pergunta oriunda de uma menina: “tio meninas surfam?”. Assim, em minha resposta, retruquei com outra pergunta, ou seja, disse a ela: “você enquanto menina gostaria de surfar?”, timidamente ela esboçou um sorriso aprovando a idéia⁸.

paisagem fica a distância e seus detalhes arquitetônicos ou naturais são a oportunidade de um texto, as vezes ornamentados por um desenho esquemático, quando parece que o viajante de passagem não está, na realidade, em situação de ver o ponto notável sinalizado a sua atenção e encontra-se, a partir desse momento, condenado a extrair prazer apenas do conhecimento de sua proximidade” (p.89). [...]Os não-lugares, contudo, são a medida da época...que mobilizam o espaço terrestre para um comunicação tão estranha que muitas vezes só põe o individuo em contato com uma outra imagem de si mesmo” (p.74).

⁷ Seguindo a lógica do confronto explicitada por Benjamim (1994b) e incorporada no texto deste trabalho, utilizo o termo imposição para referendar esse autor quando salienta que “mesmo que a criança conserve certa liberdade de aceitar ou rejeitar muitos antigos brinquedos (bolas, arcos, rodas de penas, papagaios) de certo modo terão sido impostos a criança como objeto de culto, que somente graças a sua imaginação se transformarão em brinquedos” (p. 250).

⁸ Em vista a essa passagem percebo a importância de exaltar a observação feita por Larrosa (2006) em que esse autor discorre sobre o aparecimento da verdade da infância em oposição ao ocultamento, ou seja, para ele o verdadeiro “não está no que dizemos dela, mas o que ela nos diz no próprio acontecimento de sua aparição entre nós, como algo novo. E, além disso, tendo-se em conta que, ainda que a infância nos mostre uma face visível, conserva também um tesouro oculto de sentido, o que faz com que jamais possamos esgotá-la” (p. 195).



Em vista disso, meu questionamento serviu de alerta aos efeitos produzidos por discursos imersos de relações hierárquicas entre os gêneros, constituídas pelas redes de poder, colocando, portanto, em xeque exames de masculinidades e feminilidades (LOURO, 1997, p. 23-24).⁹

Após esse acontecimento foi impossível não lançar um olhar problematizador a condição de estagiário. Nessa posição referencio a possibilidade de atuar como sujeito da experiência, o qual é interpretado por Larrosa (2002, p. 24) como “um espaço onde têm lugar os acontecimentos”.

Para além das questões de gênero convidei a todos e a todas para surfar. Levei os alunos para o pátio e, através de um tom narrativo, dei espaço a um personagem a fim de socializar a alegrias que o surf me proporciona e, além disso, não deixar planos de vida cair no esquecimento¹⁰. Disse então: “vamos, vamos, olhem aquelas ondas, vamos surfá-las!”. Assim, o reconhecimento das crianças ao personagem veio através da diversão, visualizada em um rico mundo de imaginação em que manobras pouco convencionais entre os surfistas foram criadas, como por exemplo, o surf com apenas um pé, rodopios em cima da prancha e até mesmo plantar bananeira em cima da prancha.

⁹ A verdade da infância pode ser entendida também pelo “desmascaramento do engano e da falsidade, o desmentido da mentira. Aqui a verdade não é tanto a qualidade de uma proposição, quanto o acontecimento que se dá no próprio instante em que nossas verdades se mostram para nós como mentiras. Desse ponto de vista a verdade não é adequação epistêmica, mas imperativo moral. E, talvez a verdade daquele que nasce só possa ser presentida no próprio momento em que percebemos – ainda que seja de modo obscuro – que tudo que sabíamos acerca das crianças era mentira” (LARROSA, 2006, p. 195).

¹⁰ Em alguns direcionamentos à verdade da infância Larrosa (2006) visualiza a verdade a partir de sua oposição ao esquecimento, isto é, “o verdadeiro tem a forma da recuperação daquilo que foi esquecido pelo desgaste do tempo ou reprimido pela violência de um olhar calculista, cego diante de tudo aquilo de que não pode se apropriar” (p. 195).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA**



**Ilustração 2 – Dramatizando, imaginando, surf...
Aula: 20/10/09 (1º encontro)**



**Ilustração 3 – O corpo se expressa, simula, imagina...
Aula: 20/10/09 (1º encontro)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA**



**Ilustração 7 – Aprender e ensinar com grupo
Aula: 20/10/09 (1º encontro)**



**Ilustração 8 – Mãos que celebram e crianças que vibram...
Aula: 20/10/09 (1º encontro)**

Assim sendo, após muitas risadas em meio às crianças me senti contemplado por uma alegria indescritível enquanto aluno-professor. Primeiramente, por conseguir aliar as minhas aulas um esporte que por muito tempo em minha vida foi rotulado como o “não progresso”¹¹ do

¹¹ Utilizo a expressão “não progresso” a fim de aludir a minha não progressão nos 1º e 2º anos do Ensino Médio, conseqüentemente, as reprovações nesses anos geraram discursos, entre alguns familiares e alguns amigos, que identificavam o surf como o culpado, devido à mobilização dos meus afazeres e prazeres a esse esporte, em oposição a rotinas de estudo aos conteúdos escolares. Neste mesmo sentido, é possível perceber frases do tipo: “nem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

*UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA*

meu mundo estudantil, e muitas vezes atravessado por discursos moralizantes e reducionistas no sentido de não compreenderem “que o surf é um jogo, como todo esporte, mas equipado de um aspecto lúdico que lhe é intrínseco. O surf pode tão-só se emancipar mediante duas condições: o surf é desenvolvimento da alegria pelo corpo, surfar é criar movimento” (LINS, 2009, s/p).

E neste movimento com escuta para a vida que me contraponho, tanto aos discursos morais em relação aos surfistas, quanto à homogeneização do possível ao real que segundo Larrosa (2006, p. 192) “é o que se fabrica o que se produz”. Como exemplos disso, as infâncias são vistas com lentes incapazes de enxergar para além do disciplinamento criadores de uma imagem da criança. No entanto, como afirmou Larrosa (2006, p. 197):

Uma imagem do outro é uma contradição. Mas talvez nos reste uma imagem do encontro com o outro. Neste sentido, não seria uma imagem da infância, mas uma imagem a partir do encontro com a infância. E isso na medida em que esse encontro não é nem apropriação, nem um mero reconhecimento em que se encontra aquele que já sabe e que já tem, mas um autêntico cara a cara com o enigma, uma verdadeira experiência, uma encontro com o estranho e o desconhecido, o qual não pode ser reconhecido nem apropriado.

Em linhas finais, cabe dizer que a partir da intervenção pedagógica no Estágio Supervisionado na Educação Infantil e, conseqüentemente, através dessa escrita, pude recordar e narrar alguns acontecimentos vivos em minha memória. Contudo, é através dessas memórias que me constituo como professor, uma vez que garantem significado quando trazidas para o presente.

Com isso, lanço um olhar especial as minhas vivências com o surf e suas contribuições produtivas em minha vida, como por exemplo, a intervenção que apresentei nesse texto. Nesse sentido, a prazerosa busca pela onda perfeita em que me disponho enquanto surfista é

todo maconheiro é surfista, mas todo surfista é maconheiro”, corroborando as práticas moralistas em relação aos surfistas. Em relação a esta frase o colunista André Zago, do jornal Drop publicou em agosto de 2008 o artigo “Fazendo a sua cabeça”, no qual em sua introdução salienta a sua repercussão desde de 1975, data em que foi publicada na segunda edição da revista Brasil Surfe, pioneira no Brasil. Em uma das páginas havia uma fotografia de uma placa de acesso a uma praia do litoral norte paulista com a frase em questão. Zago ainda afirma que “por causa dela, muitas pessoas de mais idade, ainda não conseguem desvinculá-la da imagem do surfista”. Maiores informações e acesso ao artigo estão disponíveis em http://www.jornaldrop.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=181&Itemid=43. Acesso em 02/08/10.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*UMA AÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: CRIANÇAS
SURFANDO A VIDA*

ressignificada pela busca a uma imagem de professor, alicerçada por manobras radicais, as quais nesse trabalho privilegiaram a alteridade da infância.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *História cultural do brinquedo*. In: _____, *Magia e Técnica, Arte e política. Ensaio sobre literatura e ensaios sobre a cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

_____. *Brinquedo e Brincadeira: Observações sobre uma obra monumental*. In: _____, *Magia e Técnica, Arte e política. Ensaio sobre literatura e ensaios sobre a cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

_____. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____, *Magia e Técnica, Arte e política. Ensaio sobre literatura e ensaios sobre a cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994c.

LARROSA, Jorge. *Nota sobre a experiência e o saber da experiência*. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

_____. *O Enigma da Infância*. In: _____. *Pedagogia Profana Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte; Autêntica, 2006.

LINS, Daniel. *Deleuze surfista da imanência: a relação entre o surf e a inspiração do filósofo francês Gilles Deleuze*. *Revista Cult – Edição 139*. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/novo/site.asp?edtCode=405A8403-AD34-47FE-9051-22017E8B23A9&nwsCode=C9F6BB16-5981-4AEA-9347-17017B62091F>>. Acesso em: 28/11/09.

LOURO, Guacira. *Corpo, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Regimento da Escola Municipal de Educação Infantil Vovó Zoquinha. Conselho Municipal de Educação. Rio Grande/RS, 2009.

Regulamentação dos Pré-estágios e Estágios Supervisionados. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande/RS.

SILVEIRA, Tatiana. *Limiares trágicos da formação: riscos na experimentação docente de uma escrita*. Pelotas, 2005. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2005.

ZAGO, Andre. *Fazendo a sua cabeça*. *Jornal Drop*. Disponível em: <http://www.jornaldrop.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=181&Itemid=43>. Acesso em: 02/08/10.